



## CONSTRUÇÕES METAFÓRICAS E AS GÍRIAS DE GRUPO: VARIAÇÕES LINGUÍSTICAS NO VERNÁCULO DA ALA FEMININA DE UM PREÍDIO<sup>1</sup>

Eliane Souza Pereira

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: elianespereira@live.com

Amanda Moreno Fonseca de Andrade

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB (Brasil)

Endereço eletrônico: amfandrade65@gmail.com

Valéria Viana Sousa

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB<sup>2</sup> (Brasil)

Endereço eletrônico: valeria.viana.sousa@uesb.edu.br

885

### INTRODUÇÃO

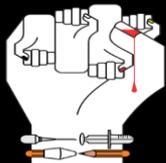
A linguagem é o instrumento, pelo qual demonstramos nossa capacidade de, entre outras coisas, pensar, aprender, construir e criar. Dessa forma, a linguagem se constitui um dos elementos principais do desenvolvimento das civilizações. Nesse sentido, a língua, uma das formas de transmissão da linguagem, representa a construção da identidade de um povo.

Diante disso, na língua, compreendida, por nós pesquisadores funcionalistas, como fenômeno heterogêneo (LABOV, 2010), existem variações diastráticas, diatópicas, diacrônicas e diafásicas. Entre essas variações, está a gíria, que consiste em uma variação linguística de natureza diastrática, ou seja, uma variação social. Esse tipo de variação, segundo Preti (1984), é criada e utilizada como forma de edificar a identidade de determinado grupo, bem como de preservar o conteúdo disposto pelos seus membros. Assim, a rigor, esse fenômeno linguístico está presente, principalmente, em grupos marginalizados.

Nessa perspectiva, as mulheres em situação de privação de liberdade pelo Estado, grupo social à margem da sociedade, traçadas interseccionalmente pelo estigma de estarem encarceradas (TOMPSON 2002) e pela discriminação de gênero (PASTORAL CARCERÁRIA, 2016), entre outras formas de opressão, criam e reproduzem gírias, nomeadas por Preti (1984) de Gírias de grupo. Diante disso, conforme entende-se em Thompson (2002) e é destacado em Preti (1984), a construção

<sup>1</sup> O presente trabalho foi realizado com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado da Bahia.

<sup>2</sup> Doutora em Letras e líder do Grupo de Pesquisa em Linguística Histórica e Sociofuncionalismo. Docente do PPGLin e do ProfLetras/ UESB.



desses vocábulos gírios refletem o ambiente vivido por elas, que, nesse caso, é marcado pelas mazelas do sistema penitenciário brasileiro. Sublinhamos que uma das formas de criação desses vocábulos gírios é por meio de metáforas, incidida pelo processo de metaforização (PRETI, 1984).

A metáfora, figura de linguagem não utilizada apenas na linguagem literária e poética, como descreve as definições tradicionais (LAKOFF e JOHNSON 2022), é responsável por inovar e criptografar o significado de determinada palavra (SACCONI, 2008). Assim, tornando-se um importante recurso no processo de criação das gírias por atenderem seu caráter criptológico.

Diante disso, este estudo teve, como questões para investigação, a presença desse processo de criação das gírias de grupo na ala feminina de um presídio baiano, o que essa criação representa para esse grupo e como o ambiente em que vivem refletem na criação e propagação desses vocábulos em seus vernáculos. Assim, a hipótese, baseando-se na revisão de literatura, foi de que a criação e reprodução desse fenômeno linguístico esteja relacionado a edificação da identidade do grupo social estudado e que o meio em que vivem refletem sobre suas criações.

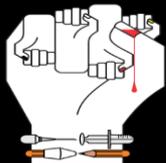
Nessa lógica, este trabalho tem o propósito apresentar, a partir de estudos sociolinguísticos realizados na ala feminina do presídio Advogado Nilton Gonçalves, de Vitória da Conquista, Bahia, a realidade social percebida nessa população de mulheres traçadas por diversas formas de discriminação e negligência; e a variação linguística ocorrida no Português Brasileiro a partir desse ambiente prisional, produzidas como forma de identificação e autoproteção desse grupo.

## METODOLOGIA

Este estudo foi realizado a partir de uma análise de natureza qualitativa, com coleta e análise de dados em entrevistas, realizadas seguindo os princípios sociolinguísticos labovianos (2010), e por meio das orientações teóricas de Dino Preti (1984), no que diz respeito à pesquisa em ambiente prisional.

À vista disso, obedecendo a metodologia dita, a pesquisa foi realizada da seguinte forma: (i) foi definido como objeto de estudo o vernáculo prisional feminino; (ii) assim, foi eleito o Conjunto Penal Advogado Nilton Gonçalves<sup>3</sup> como local para coleta de dados; (iii) para a realização das entrevistas, foi feito um pedido à

<sup>3</sup> Localizado à rua 24, nº 13, bairro Conveima I, em Vitória da Conquista, Bahia.



administração do presídio de autorização e auxílio nas entrevistas, bem como foram elaborados e entregues os termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) para as informantes que aceitaram participar da entrevista; (v) dessa forma, foram realizadas entrevistas, de forma livre ou semiestruturadas, com mais de 50% da população presente no momento da pesquisa, realizada em 2020; (vi) e, por fim, foram escolhidas as amostras, que, após seleção, foram analisadas e selecionadas para serem inseridas no estudo.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

O cotidiano no ambiente prisional tem sua própria fórmula organizacional. Assim, quem convive nesse espaço adapta-se aos seus costumes e a sua linguagem (THOMPSON, 2002). Nessa perspectiva, um dos elementos chave dessa organização é a língua, marcada por variações linguística. Diante disso, a seguir, será apresentado o que foi encontrado nesse ambiente prisional a partir da investigação realizada por meio de entrevistas.

Conforme foi mencionado, a respeito dos procedimentos teórico-metodológicos, neste trabalho, foi adotada a Sociolinguística, corrente teórica que preza pela investigação social dos informantes e que, em seus estudos, correlaciona a linguagem e a sociedade.

Do ponto de vista social, por meio das entrevistas e da ficha social das internas, foi constatado que das 13 informantes, correspondendo a aproximadamente 59% da população carcerária no período de realização da pesquisa: 31% informaram não ter nenhum tipo de escolaridade; 31% informaram possuir Ensino Fundamental completo ou incompleto; 23% esclareceram possuir ensino superior completo ou incompleto; e 15% informaram possuir Ensino Médio completo ou incompleto. Pode-se, assim, afirmar que 62% das mulheres entrevistadas possuem não mais que o Ensino Fundamental completo.

Além disso, no que concerne à cor/etnia das entrevistadas, 69% autodeclararam negras (pretas ou pardas)<sup>4</sup>, enquanto que 31% se autodeclararam brancas. Ademais, durante as entrevistas, as internas ainda revelaram ter seus direitos fundamentais violados, sofrendo tratamento desigual em relação a ala masculina, conforme indicou o

<sup>4</sup> Conforme classificação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE),



relatório da Pastoral Carcerária (2016). Por último, foi relatado violência sofrida pelas internas por parte de colegas de cela e por parte do Estado.

Do ponto de vista linguístico, no que diz respeito à presença de metáforas, foi constatado um processo de metaforização na criação das gírias, tais como: gírias humorísticas, como *praia* e *pista* para indicarem o chão da cela onde dormem<sup>5</sup>; gírias que se referem a animais, como *boi* e *mula*, para se referirem a banheiro e suspeitas ou condenadas de transportar drogas, respectivamente<sup>6</sup>; gíria advinda do estrangeirismo/literatura, como *Jack*, que faz referência a “Jack, o Estripador”<sup>7</sup>; e gírias compostas, como *vencer uma visita*, referindo a solicitar ou ter uma visita, *tirar de boa*, que significa cumprir pena de forma tranquila e *passar o bonde*, referindo a passar algo de uma cela a outra com a utilização de algum objeto<sup>8</sup>.

Isto posto, diante dos resultados apresentados, pôde-se certificar a realidade das internas, formadas em sua maioria por mulheres de baixa escolaridade, de cor/etnia negra, condizente com o geral relatado pelo Sistema de Informações e Estatística do Sistema Penitenciário Brasileiro (INFOPEN, 2019), bem como o ambiente de violência e opressão em que vivem. Assim, é possível, também, afirmar a presença desse processo e criação da gíria a partir da metaforização, ocorrendo em função da influência do meio, como importante recurso linguístico para tornar a linguagem secreta e, conseqüentemente, marcar a identidade daquele grupo e realizar a função de autoproteção.

## CONCLUSÕES

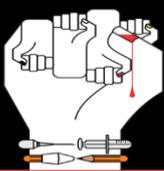
Este trabalho teve como fundamentação teórica-metodológica sociolinguística, com o objetivo de investigar os vocábulos gírios criados a partir de metáforas, presentes no vernáculo das internas de um presídio. Nesse sentido, constatamos a presença dessas variações linguísticas criadas a partir do processo de metaforização, bem como compreendemos a realidade social do meio em que ela surge.

<sup>5</sup> [...] INFO 01: quem dorme no chão é que dorme na praia, lá em Jequié eles falam pista, quem dorme no chão dorme na pista, e aqui a gente fala que dorme na praia.

<sup>6</sup> [...] INFO 02: ...quando eu cheguei tinha muita mula [...] INFO 03: ...minha mãe fala, tu tá falando isso porque, quando eu falo ‘minha mãe vai no boi, vai no banheiro.

<sup>7</sup> [...] INFO 04: Todo mundo que cai pro seguro é chamado de Jack.

<sup>8</sup> [...] INFO 05: ...e ele preso lá no Novo, e aí e começaram a se envolver por carta, aí ele perguntou se não vencia uma visita com ela, ela foi né, e falou que vencia. [...] INFO 06: ...quem não é do tráfico tira de boa. [...] INFO 07: ...quando a gente manda e vai passar alguma coisa pra outra cela, aí a gente fala passar o bonde, a gente coloca a sacola no rodo e empurra a mão.



Em síntese, à vista da constatação sociolinguística, pode-se reiterar que a língua se constitui um fenômeno social variável, que distende junto à sociedade, assumindo a função de passar pelo canal comunicativo com todas as suas peculiaridades, bem como assumindo, também, o papel de realizar a construção identitária de um grupo e a sua autoproteção. Desse modo, pode-se afirmar que as metáforas são recursos importantes para a construção das gírias utilizadas por pessoas privadas de liberdade, logo, de sua identidade.

889

**PALAVRAS-CHAVE:** Gírias de grupo. Metáforas. Mulheres encarceradas. Sociolinguística.

## REFERÊNCIAS

INFOPEN. Departamento Penitenciário Nacional. *Levantamento nacional de informações penitenciárias*. Brasília, jul./dez. 2019.

LABOV, William. *Principles of Linguistic Change*. Vol. 3: Cognitive and Cultural Factors. Oxford: Wiley-Blackwell, 2010. p. 419.

LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. *As metáforas da vida cotidiana*. Campinas: Mercado de Letras, 2002.

PASTORAL CARCERÁRIA. *Teoria em tempos de encarceramento em massa*. São Paulo: ASAAC, 2016. (Relatório). Disponível em: [https://carceraria.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/Relatório\\_Tortura\\_em\\_Tempos\\_de\\_Encarceramento\\_em\\_assa-1.pdf](https://carceraria.org.br/wpcontent/uploads/2016/10/Relatório_Tortura_em_Tempos_de_Encarceramento_em_assa-1.pdf) Acesso em: 10 nov. 2020.

PRETI, Dino. *A gíria e outros temas*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 1984. 130p.

SACCONI, Luiz Antônio. *Gramática comunicativa Sacconi*. 1. ed. São Paulo: Nova Geração, 2008.

THOMPSON, Augusto. *A Questão Penitenciária*. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2002. 146p.

Realização:



Apoio:

